

P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, ETC.

GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA

Telefone 36 69 12



RECORTES CLASSIFICADOS

IMPRENSA DIÁRIA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	-5. FEV. 1980
DIA		CAPITAL	
DIÁRIO		TARDE	
A TRIBUNA			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			



Fundação Cuidar o Futuro

“A direita não lhe perdoou a alegria”

Carisma de Pintasilgo renasce entre o Evangelho e o Poder

Rui Grácio (na foto, ao lado da ex-primeiro-ministro) fez a mais importante intervenção do encontro de ontem à noite com Maria de Lurdes Pintasilgo, na Voz do Operário. Muitos militares, muitas individualidades ligadas ao PS e numerosos independentes não quiseram faltar à sessão, que consolidou o carisma da mulher a quem, como se disse, «a direita não perdoou a alegria»



DIÁRIO DE NOTÍCIAS	COMÉRCIO DO PORTO	
PORTUGAL HOJE	DIÁRIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ	DIÁRIO DE LISBOA	-6. FEV. 1980
DIA	CAPITAL	
DIÁRIO	TARDE	
A TRIBUNA		
PRIMEIRO DE JANEIRO		
JORNAL DE NOTÍCIAS		

Encontro com Lurdes Pintasilgo

A direita não lhe perdoou que recuperasse Abril

«A Direita não lhe perdoou que fossem renovadas as esperanças e as promessas de Abril; a Direita não lhe perdoou a alegria».

As palavras são de Rui Grácio espalhadas ontem à noite numa transbordante «Voz do Operário», num Encontro com Lurdes Pintasilgo, o primeiro após o fim da sua «marcha» de mais de 100 dias.

Reaparecida entre muitos cravos vermelhos, com cerca de 14 mil assinaturas de apoio recolhidas em menos de três semanas, em todo o País, «de mão em mão, de amigo a amigo», como explicou o professor Pinto Correia, Lurdes Pintasilgo assumiu-se como crista na vida e na governação, falou de teologia («para algum sacerdote distraído que esteja entre a assistência»), da solidariedade («nenhum cristão se salva sozinho») e do Povo. «O Povo torna-se Povo em acontecimento». Não é uma entidade abstracta, «É preciso fazer acontecer o Povo. Um Povo só é se participa. Tem que estar constantemente a fazer-se».

Se Rui Grácio nos deu um discurso político incomportável em balizas partidárias e de um rigor e pujança linguísticos que só dignificam a Língua no tão maltratado Ano de Camões, Lurdes Pintasilgo tentou criar um espaço onde todos os que acreditam que o Mundo está em constante transformação se possam manifestar. Mais que um discurso político nos limites estreitos da oratória, é de uma mensagem evangélica que se trata.

A caminhada de 100 dias não a desgastou, deu-lhe o carisma, polarizou forças dispersas em torno da sua visão dos aconte-



Pintasilgo: transformar esta realidade em que vivemos

cimentos da sua prática política que não se pode reduzir a números e estatísticas. «Não há técnicos da política». E a sala povoou-se de palmas. E falou então da alegria da «alegria que vem do Povo que somos». «Alegria é mostrar aos outros a esperança que nos habita, é um cravo vermelho que vai de mão em mão». E o cravo lançado foi cair junto de Vasco Lourenço, capitão de Abril. E houve emoção. Empunhando o cravo ao alto, Vasco Lourenço, foi abraçado, foi tocado, numa luminosidade de sentimentos e num grito libertador subitamente recuperado; «MFA! MFA! MFA!» As muitas filas comprimidas, deram os braços e, balançando os corpos, começaram a cantar o Grândola, Vila Morena», sinal dum tempo novo e de um reencontro.

PINTASILGO AMEAÇOU COM ABRIL

Sá Borges ministro do Trabalho no «Governo dos 100 dias» esteve presente. Presente e de pé durante as duas horas e tal do Encontro, o professor Henrique de Barros, presentes Manuela Silva, António Macedo, presidente do PS Vasco da Gama Fernandes, João Gomes, Lopes Cardoso e muitos quadros da UEDS, António Arnaut, Tito de Morais, António Reis, Carlos Laje João Cravinho, Piteira Santos, Eduardo Prado Coelho, Igrejas Caeiro, Teotónio Pereira, Miller Guerra (na mesa), Luís Moita, Carlos Carvalhas, Pizarat Correia, Vítor Crespo. E por certo muito outros que não vimos numa sala completamente cheia.

«Transformar esta realidade em que vivemos», agitou Lurdes Pintasilgo entre uma assistência que não quer esquecer: «Sempre 25 de Abril! Sempre 25 de Abril!». Foi slogan. E até numa noite suave de Lisboa, com o que porventura de emocionante e emocional têm todas as manifestações que de um modo ou outro conseguem aglutinar pessoas de vários enquadramentos ideológicos e partidários mas com uma esperança comum: «Lurdes Pintasilgo o Povo está contigo».

Em hora de fim, e porque o sonho e a beleza também são sinais seguros de luta por um mundo melhor, um mudar de vida e mudar a vida, Lurdes Pintasilgo puxou do «Nihil Sibi» de Miguel Torga («incruiu sempre a tornar-se crente e crente sempre a tornar-se incruiu») e leu o «Cântico da Terra»: «Grande é o Futuro por nascer», pelo que «é

uma ponte de sonho que te lança: passa por ela irmão».

A DIREITA NÃO LHE PERDOOU

Sendo o perdão uma virtude essencialmente cristã, sendo a posição de Lurdes Pintasilgo na vida primordialmente cristã, a Direita na sua face de séculos (sempre intolerante e sempre repressiva para poder subsistir) não lhe perdoou. Esta a chama, a par de um apelo a uma sociedade melhor, que sustentou a intervenção de Rui Grácio. Nunca será de mais falar da beleza formal que veste todo o discorrer de um dos grandes pedagogos portugueses que conseguem marginalizar pelo esquecimento.

«Lurdes Pintasilgo e o seu Governo ajudaram um número crescente de pessoas a compreender que a linha essencial de demarcação entre portugueses não está em ser-se crente ou incruiu (...) Vem dizer que não há em Portugal uma questão religiosa, mas uma questão social e política».

O espaço de tolerância desenvolvido por Lurdes Pintasilgo e o seu Governo, deram o ensejo a Rui Grácio de poder afirmar a necessidade e viabilidade «de um entendimento entre as forças de esquerda sem exclusões de nenhuma espécie».

O terceiro ponto do discurso de Rui Grácio (falara da tolerância do Governo de Lurdes Pintasilgo e da incapacidade de perdão da direita), apontou o facto de o ex-Primeiro - Ministro não ter partido o que, embora não sendo um valor em si mesmo («Que Deus nos livre ou o Diabo os leve a certos «independentes de direita») libertou, «quanto é possível», o Governo anterior à



É um cravo vermelho que vai de mão em mão (Maria de Lurdes Pintasilgo) na «Voz do Operário» sob o olhar de Vítor Crespo, Pizarat Correia, António Arnaut, Piteira Santos, António Reis

AD «de certas limitações de que padecem os partidos».

Último ponto: as promessas e esperanças de Abril: «Hóspede e conviva dos cristãos quero retribuir-lhes como se estivesse em casa sua». E na mesa estavam Francelina Chambel, presidente da Câmara de Sardoal, frei Raimundo Oliveira (a sua intervenção roçou entre a ironia e um franciscanismo aquecido de muita solidariedade), o padre Carlos Alberto, que já estivera como cristão na Capela do Rato e como cristão na direcção do Sporting (que o digam Damas, Lino, Pedro Gomes, entre outros), seguindo na vida o que o pagão Terêncio afirmava: «Sou humano e nada do que é humano me é alheio»; Teresa Ambrósio, deputada do PS e Matos Ferreira.

Não era só um tempo de memória que ia acontecendo na

«Voz do Operário». Era também um tempo de esperança. Na voz de Rui Grácio: «No momento em que o poder e a glória aparecem nas mãos dos ricos e dos saciados, cabe lembrar que tempos houve em que o 25 de Abril trouxe um momento de glória e uma promessa de Poder aos pobres, aos humilhados, aos ignorantes, aos que têm fome e sede de Justiça».

E agora? Em fim de festa, na alegria manifestada e assumida, a reflexão para o futuro: «Os que não são cristãos e querem transformar o mundo também sabem quão penosa e contraditória tem sido a marcha dos homens. Mas uns e outros podem unir-se, unir-se na esperança de dar alguma forma tangível às promessas de Abril inscritas na Constituição de Abril; constituir uma sociedade mais justa, mais livre».